



*Selir Straliootto*

Gesto  
& Linha

Selir Straliotto



## **Fragmentos de um gesto**

O presente trabalho é composto de vários momentos de um gestual vigoroso que se desprende, repetidamente, deixando seu rastro sobre o papel.

Grafite e/ou carvão, são usados como uma extensão corporal para registrar a libertação deste gesto unidirecional de baixo para cima.

A partir da interação entre o material, o suporte e o corpo, sede da forma da linha e do vigor do traço, os momentos acumulados são apresentados em diferentes composições, caixas de madeira, painéis, vídeo e diretamente no canto de ligação entre duas paredes.

O gesto nascido cria um rastro de transformação.

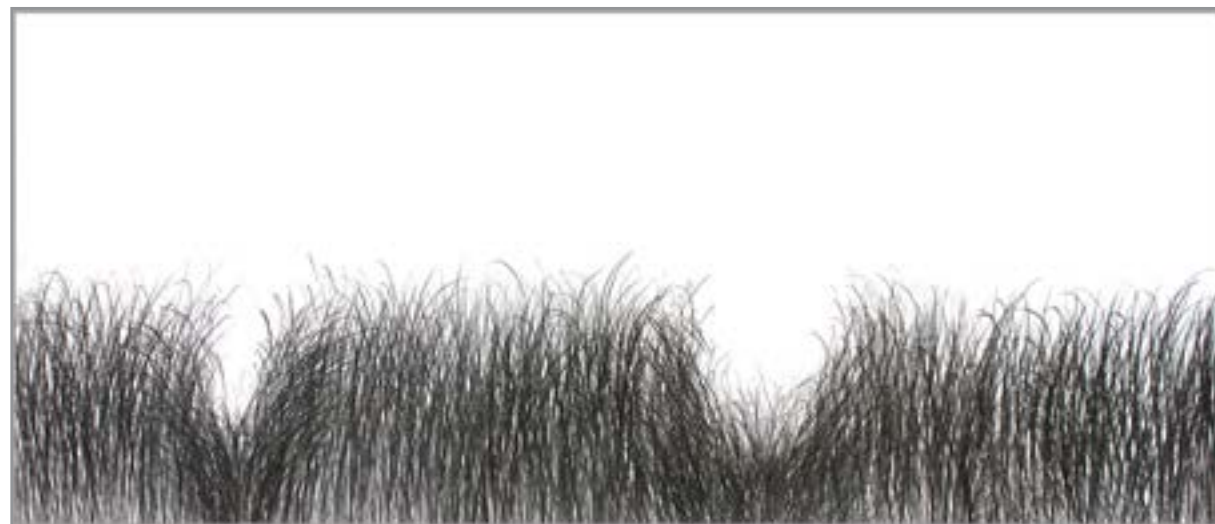
Fragmentos de uma liberdade.



Título: Fragmentos de um gesto I  
Técnica: grafite sobre papel e madeira  
Dimensões: 82,3 cm x 22,0 cm x 3,5 cm  
Ano: 2012



Título: Fragmentos de um gesto II  
Técnica: grafite sobre papel e madeira  
Dimensões: 82,3 cm x 22,0 cm x 3,5 cm  
Ano: 2012



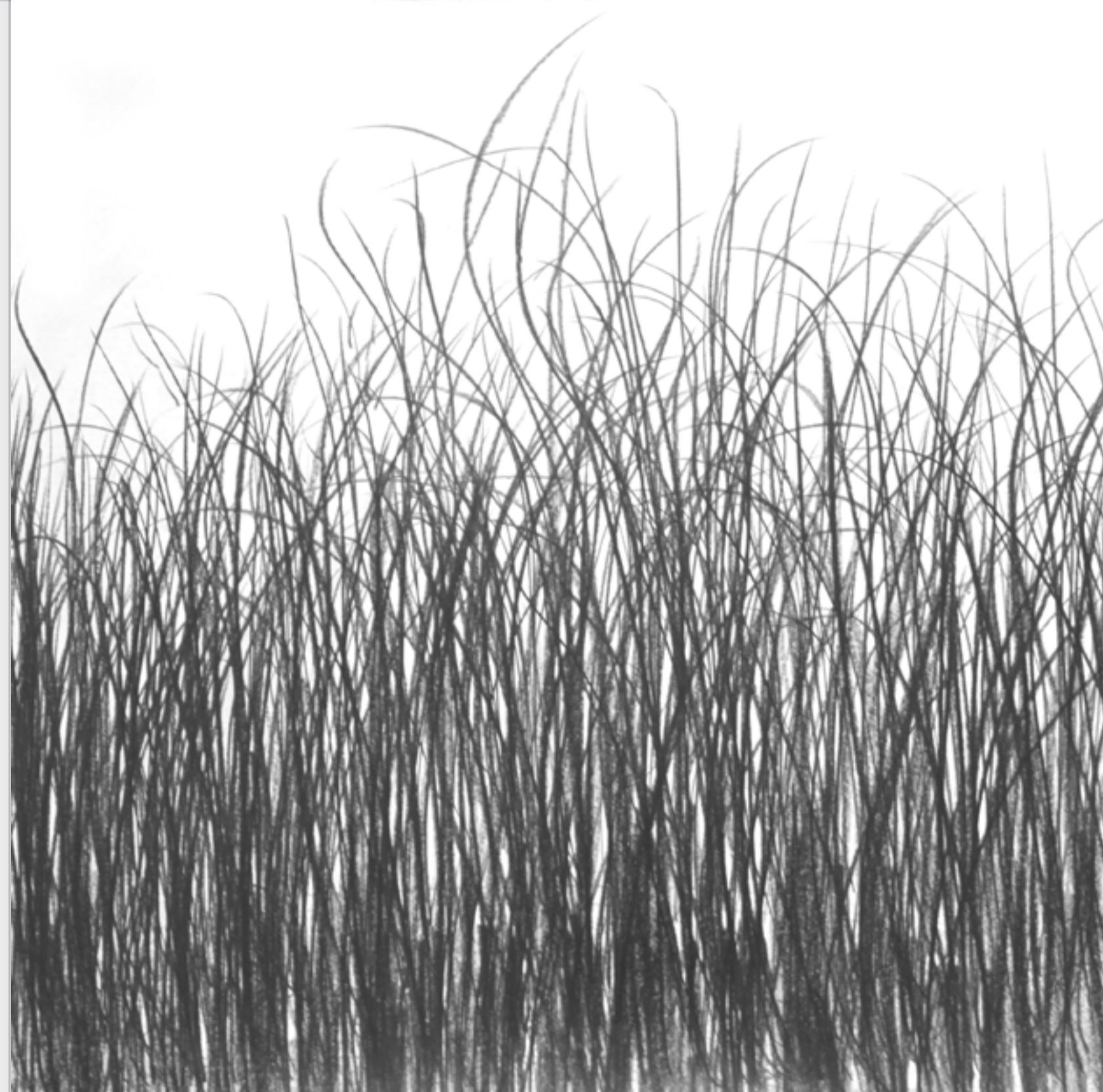
Título: O Gesto e o Vento I  
Técnica: grafite sobre papel e madeira  
Dimensões: 82,3 cm x 22,0 cm x 3,5 cm  
Ano:2012

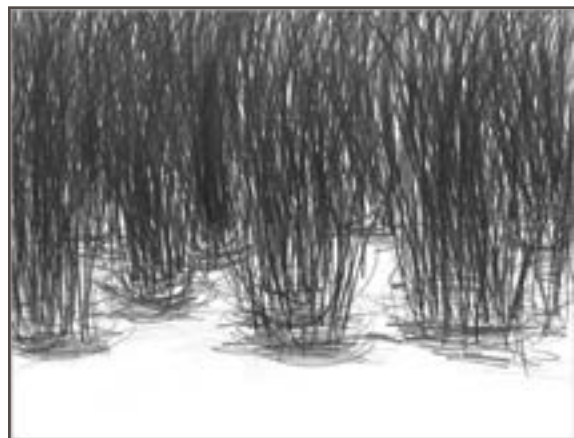


Título: O Gesto e o Vento II  
Técnica: grafite sobre papel e madeira  
Dimensões: 82,3 cm x 22,0 cm x 3,5 cm  
Ano: 2012



Título: Fragmentos de um gesto V  
Técnica: grafite sobre papel e madeira  
Dimensões: 82,3 cm x 22,0 cm x 3,5 cm  
Ano: 2012



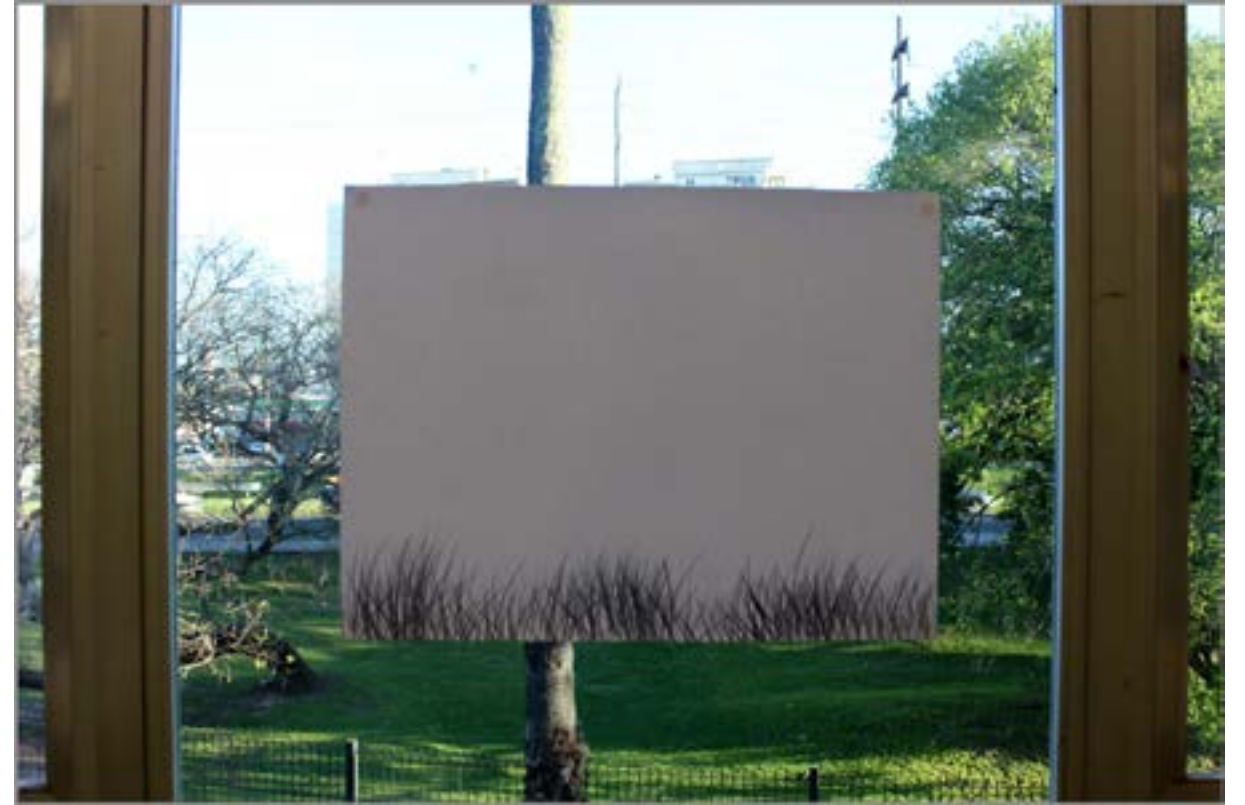




## **Linhas na janela**

O gesto compulsivo, que tomou o grafite e se fez linha, se põe agora na janela. Se relaciona com a rua. Puxa o olhar de dentro para o entorno. Recompõem a paisagem urbana.

*... Alinhavo tempos e momentos. Acolho, escorro e permeio. Construo, me desvencilho. Percorro um espaço de não sei.*





## Passagens linha afora

Carvão vegetal e fogo - elementos que guardam uma relação íntima com os combustíveis utilizados pela antiga termoelétrica em seu passado ativo (1928-1974) - são os mediadores de Nato Silva e Selir Stralio to nesse primeiro trabalho realizado em dupla. O espaço escolhido para a proposta foi o quarto andar da Usina do Gasômetro, um dos pontos onde a arquitetura carrega esta memória de forma mais viva. As cinco tremonhas - pirâmides invertidas que forneciam carvão para os fornos - são aqui reativadas não só como evocação do passado mas como mote para a invenção e metáfora para a geração de energia em um sentido mais amplo.

Como processo, Linha afora é um trabalho marcado pela colaboração. O projeto foi desencadeado a partir do encontro entre colegas de grupo, estimulados mutuamente pela ampliação de possibilidades e diálogo que o trabalho em parceria abriria. Inicialmente, as linhas do desenho de Selir “(...)pareciam riscos de palitos de fósforo num intenção de chama, liberando a energia do fogo(...) ao mesmo tempo em que evocavam aqueles juncos que, na beira do Guaíba, testemunharam o passar do tempo, a morte da termoelétrica em seu processo de mutação para vir a transformar-se em Centro Cultural(...)”, lembra Renato. Os gestos verticais, decididos e vigorosos, repetidos à exaustão nos desenhos da colega, encontraram eco na vontade construtiva de Renato, através de uma ressonância material: a madeira transformada em carvão pela queima, modelada pelo fogo, processo que ele vinha experimentando em trabalhos recentes.

Os desenhos de Selir surgem da libertação de uma concentração corporal acumulada que se esvai, deixando um rastro transitório do movimento sobre o plano. Hoje executados diretamente na superfície das paredes do espaço expositivo, os desenhos se colocam como uma afirmação da efemeridade do gesto e o corpo como origem.

Seria possível reproduzir estes arcos de movimento como linhas independentes no espaço? Seria possível que estas marcas ascendentes de carvão ganhassem corpo e autonomia, vindo a prescindir de suporte? Como concentrar a matéria pelo fogo a ponto de tornar a linha tridimensional? Será que a madeira, quando queimada, seria capaz de sustentá-las com sua própria materialidade frágil? Como entrar nas profundezas do traço? Como desvendar a carga energética contida neste rastro do vigor gestual?

O que vemos materializado como exposição, aqui, é o resultado destas e outras perguntas e da busca por respondê-las em ato, através de um mergulho na experimentação. Exercício de tradução e trânsito entre linguagens - do desenho à escultura, incorporando aspectos da performance, ativação da memória através da arquitetura, do corpo e da paisagem, são somente algumas das camadas deste ensaio multi-dimensional a muitas mãos e muitas vozes.

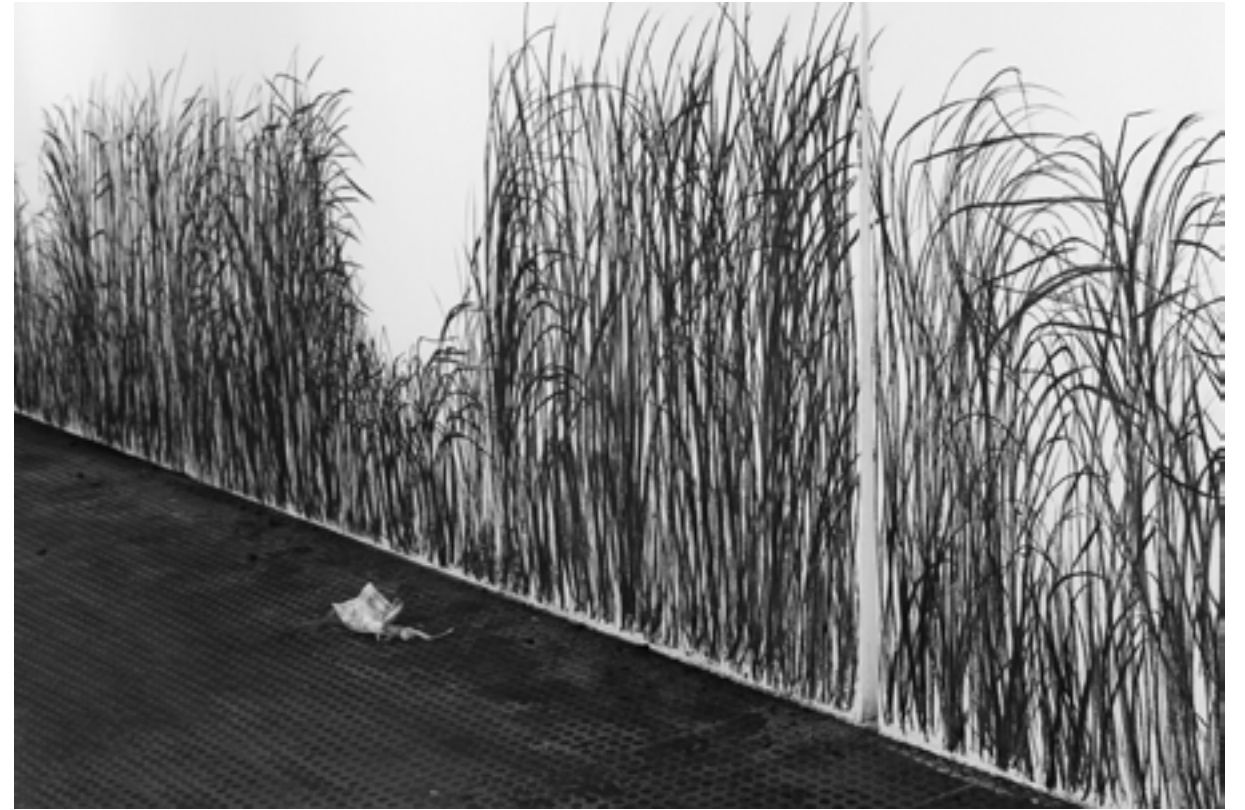
Mas Linha afora também é um trabalho feito de silêncios, de intervalos de respiração. É feito do resíduo oco que paira, suspenso, entre um ciclo e outro. Do nada que flutua sobre o ponto mais alto que um impulso alcança em sua vontade de ascensão. Do vazio pasmo que resta entre um gesto que se encerra e o outro que ainda não veio. Pois como o fogo que dá a vida e também a consome, a verticalidade que espelha o homem em sua pulsão vital e construtiva só se consoma com a morte, em um círculo instável, pleno e paradoxal.

Ana Flávia Baldisserotto<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> (Artista e professora, orienta Laboratórios de Criação na Arena- Associação de Arte e Cultura e Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre)



















## Experimentações do gesto

Para saber meu lugar no Entrelinhas convidei meus colegas do Atelier Livre para um desenho colaborativo. Papel na parede e carvão disponibilizado, iniciamos o desafio. Me coloquei na escuta, quase uma espectadora. Por duas semanas interagimos pela adição de desenhos, figurativo, gestuais, sinais gráficos e até poesia. Por fim, minha interação mudou. Descobri a borracha. E o mesmo gesto que adicionava, passou a retirar. No apagamento, fui acrescida com o gestual de todos.







## Entrelinhas

O gesto de baixo para cima que se fez linha nasceu de uma liberdade, o extravasar de uma compulsão. Uma repetição incontida do corpo que tomou como seu o grafite, posteriormente o carvão e também outras mãos, ávidas por expressão. Deixou rastros no papel, na parede e na alma. A morte repentina do momento, quando o público por adesão espontânea tomou o carvão disponível na instalação para agregar suas marcas ao desenho gestual da artista no trabalho Linha afora (2012), provocou rupturas, vãos e silêncios. Expôs o “não sei”. Visitou antigos momentos e memórias. Abriu frestas e reflexões.

ENTRELINHAS pretende fazer uma ponte entre estes dois diferentes momentos da linha. Aquele ocorrido na Usina do Gasômetro e este, um desdobramento daquela experiência a partir do convite ao desenho colabo-

rativo nas paredes da galeria e a construção de um novo momento, junto ao público. Na efemeridade do gesto uma confraternização das subjetividades, da impermanência e do contínuo movimento de transformação da vida. A arte como um lugar de autor-reconhecimento e inclusão. Uma vivência coletiva das singularidades. Um espaço de diálogo entre visitantes e artista que se constituirá ao longo do período de exposição.



## Divagações sobre o Entrelinhas

No espaço de trânsito transformado em cubo branco me encontro entre linhas... linhas dos gestos, dos rastros, das palavras desfiadas entre um encontro e outro. Linhas que tecem, libertam, criam novos pontos de contato rompidas pelo ato transgressor de saltar para outras paredes. Não disponíveis mas acessíveis. Mergulho nos limites do espaço, do tempo, daquilo que tenta dar conta no presente, ainda que misturado com eventos do passado. Memórias atemporais que habitam o corpo, a mente e brincam no vai e vem do imaginário.

Me pergunto sobre as interações e sobre os acúmulos. Inicialmente muito feliz em ver a alegria dos visitantes tomados pelo carvão. O crescer das subjetividades. Aos poucos vou cedendo às inquietações. Por que as pessoas não transformam o desenho do outro? Por que se debruçam umas ao lado das outras, mesmo exprimidas e algumas visivelmente contidas? Busco cantinhos mais escondidos. Descubro a beleza dos mínimos. Passeio vagarosamente por entre o excesso. Recolho em imagens, palavras e desenhos, nuances de individualidades. No entanto o excesso grita a ponto de eu ter um ato extremo. Retira-se o carvão! Fim da alegria de ser surpreendida a cada dia. E as pessoas? Parece que chegavam com a expectativa de ganhar existência e tinham que dar meia volta. Me senti na ditadura! E eu sendo o algoz. Não resisti. Sucumbi a continuidade do gesto. Colocam-se borrachas! Pelo menos o desenho voltaria a ter vida, movimento. E nós, felizes, experimentando um novo elemento.

Por que a dificuldade em apagar? De refazer o traço na continuidade do outro? Reconheço na busca de um pedaço ainda em branco para deixar sua marca, o ritual primitivo do urinar do cachorro. Um ato para a singular existência. Prenúncio de convivência. Antes do transformar é imprescindível se saber “existindo”. “Com mais trabalhos como este poderíamos evoluir no desenhar coletivo, criar juntos e exercitar a coletividade”, diz um jovem de não mais de vinte anos. “Para onde estás te transferindo? O que, já vai terminar? Os meninos, menores infratores que trouxemos, adoraram”, acrescenta outro casal.

No branco espaço de liberdade, colo acolhedor e apagador de rastros, convivem as diferenças.





Esta exposição significou uma ponte entre diferentes momentos da linha. Um primeiro, ocorrido de 27 de setembro a 28 de outubro de 2012, na Usina do Gasômetro, por ocasião da exposição Linha afora, de Nato Silva e Selir Straliootto, e este, Entrelinhas, proposto para a sala Augusto Meyer da CCMQ.

A discussão sobre autoria aberta no primeiro momento\*, é aqui desdobrada através do convite ao desenho colaborativo, uma vivência coletiva das singularidades, o exercício da dialética entre o indivíduo e a coletividade. Com um olhar sobre o desenho gestual como um simples impulso, esta proposta também enfatiza o tempo como um elemento do trabalho. Na efemeridade do gesto uma confraternização das subjetividades, da impermanência e do contínuo movimento de transformação da vida. A arte como um lugar de autorreconhecimento e inclusão.



\* ao longo da exposição a obra foi transformada por intervenção espontânea da comunidade provocando rupturas e nova conformação no desenho gestual, através da inclusão não prevista do gesto do outro.

**Desenho soma** (proposição colaborativa): A partir do desenho lançado na interseção das paredes do fundo da sala antes do início da exposição abre-se o convite à pulsão do gesto, à inclusão dos visitantes que se sentirem convocados a participar desta construção, a partir da abertura da exposição.

Seja por acréscimo ou apagamento da linha, na área destinada à intervenção, abre-se aqui um convite à expressão colaborativa, propondo um desenho vivo, que foi se constituindo no decorrer da exposição. O material para desenhar -carvão – foi disponibilizado em caixa de madeira no centro do espaço expositivo.

A fusão dos gestuais, individual e coletivo, foi desencadeada a partir da interação dos visitantes e da artista diretamente no desenho inicial ou de provocações reflexivas da artista, como a pergunta “Que gesto sou?” lançada via facebook em 2012.







**Linha de tempo I** - (fotografia documental): 30 impressões fotográficas 20 cm x 30 cm em mdf c/ afastador de madeira de 1,5 cm na face posterior, dispostas em linha horizontal e vertical, com espaçamento de 05 cm entre elas foram distribuídas na linha do tempo, em quatro blocos (Construção, Intercorrências, Interdição/Ruptura/Vislumbre e Apagamento/Reconexão). A linha e a identificação do tempo (data com horário) foram colocadas abaixo das fotos, com carvão e diretamente na parede.

**Linha de tempo I** - Esta linha de tempo se constituiu ao longo da exposição, documentando os diferentes momentos da exposição. O processo de construção colaborativa do desenho foi fotografado quatro vezes na semana. A linha se constituiu de impressões fotográficas 20 cm x 30 cm coladas diretamente na parede com fita dupla face, dispostas em linha horizontal e vertical, c/ espaçamentos de 05 cm entre elas e dispostas paralelamente a Linha de tempo I.





Vídeo documental *Tempo circular*















## **Linha de fundo**

O gestual de baixo para cima se depara com uma linha atravessada no muro. Em comum acordo, gesto e rastro abraçam a linha, se debruçam e escorrem pela parede ao fundo. Uma árvore que andava perto se projeta para participar do enlace. Depois...um tempo. E até a chuva.







## Sobre a artista

**Selir Stralotto**, graduada em Farmácia e Bioquímica pela UFRGS/RS. Mestre em Microbiologia Clínica pela FFCMPA/RS. Desenvolveu atividades de pesquisadora e coordenação de Comitê de Ética na FEPPS/RS. Formação artística não acadêmica no Atelier Livre Xico Stockinger da prefeitura Municipal de Porto Alegre e ARENA (desde 1997) e ARENA, Associação de Arte e Cultura, Porto Alegre. Participa de grupos de estudos em arte contemporânea, laboratório de criação e prática artística orientada. Em 2008 fez introdução ao cinema experimental.

**PRÊMIOS:** 2014 – 8º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas Projeto Jardim do Rei: uma visão poética da história natural de Buffon. EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS: Entrelinhas, 3º Prêmio IEAVi na CCMQ/PoA/RS, 2014; Senhas, Saguão do Centro Municipal de Cultura/SMC/PoA/RS, 2007.

**EXPOSIÇÕES COLETIVAS E SALÕES:** Com diversas participações em exposições coletivas, entre elas, Linha afora, 4º andar da Usina do Gasômetro/SMC/PoA/RS, em 2012; Fragmentos de um Gesto Arte + Arte/Liberdade Contemporânea, Gal Augusto Meyer/CCMQ/PoA/RS, em 2009 e Reunião na Fundação ECARTA em 2008; 20º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de PoA, em 2014 e 1º Salão de Arte 10 x 10, FUNDARTE/Montenegro em 2007. Sua pesquisa está voltada para aspectos relacionais da vida e ao cotidiano. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.



Dados de contato:  
Telefone: (51) 92610206 – 32417371  
E-mail: [selirstra@gmail.com](mailto:selirstra@gmail.com)